

Arquiteto francês revê conceito de urbanismo

Banco de Dados

BERNARDO CARVALHO

De Paris

O escritório de Jean Nouvel, 44, fica no primeiro andar de um antigo armazém ou depósito, numa ruela de um bairro popular (próximo à place de la République), cheio de comerciantes árabes e restaurantes asiáticos. Em princípio, parece estranho que o maior arquiteto francês da atualidade, cujos projetos são hipertecnológicos, tenha se instalado logo ali. Quando você entra, tudo muda. É um imenso "loft" entulhado de mesas, computadores, luzes, projetos e gente que anda por todo lado, corre, fala, discute. Tem-se a impressão de ter caído no meio de um estúdio de cinema no exato momento em que vão começar a rodar um novo plano de uma superprodução.

São dezenas de assistentes que trabalham simultaneamente em mais de um projeto — a Ópera de Lyon e um pavilhão de exposições chamado Vitrine da França, por exemplo. Nouvel é o ídolo da nova geração de arquitetos franceses. Seus projetos são resultado de uma inteligência aguçada e totalmente ligada aos últimos desenvolvimentos tecnológicos e culturais. É dele o Instituto do Mundo Árabe, às margens do Sena, em Paris, onde toda uma fachada do prédio é constituída por um mecanismo altamente sofisticado de 240 painéis e 27 mil diafragmas que se abrem e fecham à base de células fotoelétricas conforme a luminosidade exterior e a estação do ano, criando um enigmático jogo de luz e sombras.

★

Folha - Para você, qual foi o erro das cidades modernas, do urbanismo moderno?

Jean Nouvel - É muito fácil denunciar esses erros se não vivemos na época em que foram cometidos. Sem levar em conta os dados econômicos e políticos e sobretudo a mudança do território,

toda hora. Se a economia, a política, tudo muda, como é que um projeto pode determinar uma coisa por antecedência e de maneira global? Seria como se não houvesse imprevistos na vida.

Folha - Brasília, para você, é um pesadelo?

Nouvel - Não, porque é uma paródia. Além de ser consequência de uma vontade um pouco heróica. Isso é simpático. É uma capital construída com uma enorme vontade de beleza. Ao mesmo tempo, não é uma cidade. Eu gosto de Niemeyer. Não o adoro, mas é alguém com o sentido do gesto. É um arquiteto "pompier", oficial. Mas que tem uma identidade forte.

Folha - Quais são as diferenças entre as suas propostas e as de Robert Venturi (um dos papas da arquitetura no pós-moderno)?

Nouvel - Imensas. Ele teve uma importância histórica inegável no seu trabalho crítico. Foi o primeiro a criticar o movimento moderno na sua burrice e a relacioná-lo com paradoxos entretanto bastante questionáveis. Não é porque um objeto não é branco que ele tem que ser preto. O problema de Venturi é que, como muitos outros, trata-se de um arquiteto crítico e não de um arquiteto de propostas. Esses arquitetos compreenderam o que o movimento moderno tinha de absurdo, fizeram críticas corretas, mas não é por isso que a única resposta será o pastiche, a derrição, a ausência de propostas. Por isso, não acho que sejam verdadeiros arquitetos ou criadores. São críticos históricos.

Folha - Em um dos seus textos você diz que o futuro da arquitetura não é arquitetural, mas literário. O que isso quer dizer?

Nouvel - Não há futuro na autonomia disciplinar da arquitetura. Não é estudando unicamente arquitetura, a história da arquitetura,

uma arquitetura que tenha e faça sentido. Não uma arquitetura didática, uma mensagem para o povo. Acho que há em cada obra uma relação específica a ser colocada. No caso do Instituto do Mundo Árabe, é uma tentativa de transpor um dado cultural fundamental da arquitetura árabe — as "moucharabieh", divisórias trabalhadas, recortadas em madeira ou em mármore — para um outro contexto, para Paris, para um mundo tecnológico. No mundo árabe, há um sentido climático para isso. Eu quis guardar a preciosidade dessas divisórias. Tomamos a idéia dessas superfícies transpassadas pela luz e trabalhamos sobre esse jogo de luz e geometria. Traduzindo a preciosidade do recorte do mármore ou da madeira pela complexidade quase que de relojoeiro do mecano da fachada. Trabalhamos sobre a idéia de vitrine e de segredo — o paradoxo dessas divisórias que escondem e deixam entrever ao mesmo tempo. Isso é uma conceituação, que só pode haver com outros dados culturais, como a filosofia e a literatura. A cultura do momento presente.

Folha - Você diz que a idéia de forma acabou.

Nouvel - O importante é tomar o que há de emergente num momento histórico. Em 1920/30 os arquitetos exprimiram a estrutura do prédio. A forma geométrica foi explorada até o limite. Os valores hoje foram deslocados. Eles estão muito mais no material, na textura, na luz, na tensão. Hoje, a simplicidade exterior esconde uma enorme complexidade interior. Como no cinema, há virtuosos da câmera, como Lelouch, que querem mostrar como sabem filmar bem. A câmera se move de todas as maneiras, para todos os lados. Eu, particularmente, prefiro Wenders e "Tokyo Ga", com o elogio de Ozu e da câmera fixa. O interessante hoje em arquitetura não é mostrar um virtuosismo da construção, mas algo muito mais



O francês Jean Nouvel, considerado hoje um dos mais importantes e criativos arquitetos de seu país

Nouvel criou Instituto do Mundo Árabe

Nouvel criou Instituto do Mundo Árabe

De Paris

A consagração de Jean Nouvel junto ao grande público veio certamente com o projeto do Instituto do Mundo Árabe (1981). O prédio ficou pronto no final de 1986. A proposta de uma arquitetura de tramas, de superfície, onde as paredes deixam de servir como limite entre espaços e passam a ter valor de interface, fez de Jean Nouvel a melhor ilustração de novas teses estéticas e sociológicas, como as de Paul Virilio e Jean Baudrillard.

É uma arquitetura da bidimensionalidade, que abandona a idéia de forma para se preocupar com as nervuras do material, com uma complexidade conceitual, de concepção dos prédios.

É essa mesma preocupação que

guia o projeto do arquiteto francês para a Ópera de Tóquio (1986). A forma do edifício foi modulada por computador a partir de uma idéia, de um conceito — uma combinação de culturas, ocidental e oriental, uma espécie de ópera ocidental em Tóquio.

O resultado é dos mais surpreendentes: uma enorme caixa preta brilhante (“como a superfície de um piano”), deformada numa das pontas, inchada como se algo (um som?) tivesse estourado em seu interior.

Essa idéia se repete de certa forma, mas em outro contexto (as paredes rachando), no projeto que apresentou este ano para o novo pavilhão francês da Bienal de Veneza.

Os grandes projetos de Nouvel

se sucedem na verdade desde 1973, quando concebeu a Maison Delbigot juntamente com François Seigneur (seu ex-sócio) e Roland Baltera.

Uma de suas realizações mais impressionantes é o conjunto habitacional Nemausus 1, em Nîmes (sul da França). Nouvel construiu uma espécie de navio em terra, todo em material industrial, com 114 “lofts” duplex.

O projeto previa um conforto até então totalmente desconhecido em conjuntos habitacionais franceses, associado a uma concepção das mais inusitadas. Quando lhe perguntam como vivem hoje os moradores do Nemausus, Nouvel se limita a dizer: “Muito bem, obrigado.” E ri.

(Bernardo Carvalho)

cometidos. Sem levar em conta os dados econômicos e políticos e sobretudo a mudança do território, as migrações, milhões de pessoas vindo para as grandes cidades. A cidade explodiu, tudo foi feito um pouco ao acaso, através de anexos, prédios de má qualidade. Hoje esses espaços saem dos eixos, vivemos uma época de modificação urbana.

Folha - Você acha que algum tipo de urbanismo ainda é possível hoje, um planejamento das cidades?

Nouvel - Com um pouco mais de consciência ele pode existir em pequena escala. Não acredito no arquiteto que diz “eu não construo prédios, mas cidades, bairros”. É como se um escritor dissesse: “Não escrevo livros, mas bibliotecas”. Hoje já se sabe que não dá para planejar de uma vez, que é preciso ir pouco a pouco. É preciso estar pronto para mudar a

autonomia disciplinar da arquitetura. Não é estudando unicamente arquitetura, a história da arquitetura, que vamos encontrar a arquitetura de amanhã. Ela não está contida nas regras de Ledoux, Le Corbusier ou mesmo Niemeyer. Ela lida simplesmente com uma época e com noções que são cada vez mais conceituais. São as idéias de uma civilização que fazem a arquitetura. Não é a história da arquitetura que gera a arquitetura. Hoje nós vamos encontrá-la através da cultura mais transversal. O que pode significar a arquitetura hoje se não sabemos o que acontece no mundo das imagens, no mundo da publicidade, da tecnologia aeroespacial? A arquitetura é o que está vivo. A academia está morta.

Folha - Quando você fala de significação em arquitetura, o que é que está buscando?

Nouvel - Procuo simplesmente

de Ozu e da câmera fixa. O interessante hoje em arquitetura não é mostrar um virtuosismo da construção, mas algo muito mais misterioso, profundo e difícil de decifrar.

Folha - Quando você tem uma idéia de projeto, você parte exatamente de quê — já que não é mais da forma?

Nouvel - De um conceito, da sinergia de algumas idéias analíticas e de posições justas que são defendidas e aplicadas. Quando você sabe o que quer, aí sim você desenha. Não fico procurando a partir do desenho. É o contrário da cultura da Academia de Belas Artes. Acho isso terrível.

Folha - Você acha que existe um escritor ou cineasta cujos personagens e histórias se adequam particularmente aos seus prédios?

Nouvel - Muitos. Em literatura, sobretudo Borges. Em cinema, Wenders.